

falatu!

ISSN 3086-111X

VOL. 2, N. 1, 2025



INFÂNCIA PLURAL:

Corpos que
brincam,
sentem e
narram
histórias



Editores Responsáveis pelo volume

Patrícia Silva Rosas de Araújo DME/CE/UFPB
Fabrini Katrine da Silva Bilro DME/CE/UFPB
Gilvete de Lima Gabriel DME/CE/UFPB/UFRR



ISSN 3086-111X



É permitido compartilhar este material — copiar e redistribuir em qualquer suporte ou formato — desde que citada a autoria e observados os termos da licença CC BY-NC-ND. Os conceitos, hipóteses, opiniões, conclusões e recomendações apresentadas são de inteira responsabilidade dos autores, assim como a indicação e utilização de fontes bibliográficas, iconográficas, tabelas e/ou gráficos. As ideias aqui expressas não refletem, necessariamente, a visão da Fala Tu!



Universidade Federal da Paraíba
Portal de Periódicos
EDITORA UFPB



EXPEDIENTE

Editora-chefe

Patrícia Silva Rosas de Araújo DME/CE/UFPB

Editoras adjuntas

Fabrini Katrine da Silva Bilro DME/CE/UFPB
Gilvete de Lima Gabriel DME/CE/UFPB/UFRR

Comissão Editorial

Adlene Silva Arantes | UPE
Débora Amorim Gomes da Costa-Maciél | UPE
Dieison Prestes da Silveira | UFPB
Josué Carlos S. Santos | USP
Manassés Morais Xavier | UFCG
Maria Graciele de Lima | UFPB
Maria Margareth de Lima | UFPB
Maricélia Ribeiro Jorge | PMCG
Monique Alves Vitorino | UPE

Colaboração Editorial dos Estudantes | UFPB

Adryel Veloso de Jesus
Hugo Darlyson de Araujo Andrade
Luciana Trajano da Silva | UFPB
José Marcos Ramos Vital
Polyanna Santos de Moura Lima

Designer da capa

Hugo Darlyson de Araujo Andrade |UFPB

Conselho Consultivo

Amasile Coelho L. C. Sousa | UEPB
Ana Cláudia de França | UFPE
Cícero Pedroza Silva | UFPB
Haila Ivanilda da Silva | UFPE
Isabelle de Araújo Pires | PMCG
Jéfferson Luiz B. L. Silva | UFPB
João Gilberto Farias Silva | UFPE
Josias Ferreira da Silva | UERR
Luciano Nascimento | UEPB
Maria Leogete Joca da Costa | UFRR
Maria Lúcia Ferreira de Figueiredo Barbosa | UFPE
Rejane Dias da Silva | UFPE
Roziane Marinho Ribeiro | UFCG
Sebastião Monteiro Oliveira | UFRR
Tânia Guedes Magalhães | UFJF
Thayana Priscila Domingos da Silva |UFPB

Responsável Técnico/Suporte

Aldenora Giovana da Silva | UFPB Maria
Dayane Lira Dantas | UFPB

Endereço Editorial

Fala Tu!
Contato: contatorevistafalatu@gmail.com
Centro de Educação – Universidade Federal
da Paraíba - Cidade Universitária – Campus I
CEP 58059-970 – João Pessoa, PB – Brasil

Editorial

Os resumos apresentados neste segundo volume foram elaborados por estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus I, participantes da disciplina Seminário Temático em Educação V, no semestre 2025.1 (noturno).

As produções contribuíram para os debates desenvolvidos em torno da temática “Infância Plural: corpos que brincam, sentem e narram histórias” e para o seminário realizado no âmbito da disciplina, favorecendo o aprofundamento teórico e reflexivo sobre o tema.

No processo formativo, cada grupo de estudantes selecionou um artigo voltado à discussão da temática, promovendo análises e debates em sala de aula que articularam diferentes perspectivas teóricas e experiências sobre a infância. Em sequência, realizou-se um debate coletivo, reunindo todos os grupos, com o propósito de sistematizar as reflexões e ampliar a compreensão acerca da pluralidade das infâncias, considerando as múltiplas formas de brincar, sentir e narrar presentes nas vivências infantis.

Os resumos apresentados abrem caminhos para pensar a criança como sujeito ativo, produtor de cultura e de significados. Nos resumos sobre literatura infantil, vemos como o envelhecer, a doença e a intergeracionalidade entram em cena, desafiando estereótipos cristalizados e convidando os pequenos a refletir sobre o ciclo da vida. Nos resumos sobre o brincar, descobrimos que jogos, brinquedos e brincadeiras são mais do que passatempo: são ferramentas de aprendizagem, socialização, resgate cultural e desenvolvimento integral.

Outros resumos trazem à tona questões urgentes do presente: como acolher emoções nas escolas? Como construir pertencimento em contextos de desigualdade? Como reconhecer que até mesmo cores carregam sentidos normativos, moldando identidades de gênero e sexualidade desde cedo? Nas narrativas das crianças de periferias, lemos sobre pobreza, racismo e violência, mas também sobre criatividade e resistência — corpos que brincam, desenham e denunciam, mostrando que infância é crítica e potência.

Este volume é, portanto, um convite a olhar a escola e a infância para além do óbvio. Olhar o corpo como linguagem, a cor como discurso, o brincar como conhecimento, a literatura como espaço de empatia, a educação socioemocional como prática de acolhimento. É perceber que formar crianças não é apenas transmitir conteúdos, mas construir relações que respeitem a diversidade e fortaleçam vínculos humanos.

Ao leitor, estendemos o convite: que estas páginas sejam atravessadas com sensibilidade. Que cada resumo e análise seja lido não apenas como produção acadêmica, mas como ensaio de um compromisso maior — o de pensar a educação como lugar de escuta, afeto, diferença e transformação social.

Equipe Editorial

SUMÁRIO

Resumo: *Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica*.....6

Ana Beatriz Leite da Silva
Rosandra Santino Soares
Vitor Marx Pereira de Vasconcelos

Resumo: *Corpos velhos e doentes para crianças: uma análise de livros de literatura infantil*.....7

Eryka Héllen de Lima Coutinho
Maria Sophia Palmeira Silva
Raíssa Góes Fernandes Pessoa
Ralyta Safira Lima Santos

Resumo: *A importância do brincar na educação infantil*.....8

Antonio Pereira de Souza Neto
Renata Maria de Almeida Costa
Vanessa Madruga de Carvalho

Resumo: *Aprendendo a partir da experiência em grupo: ritmos e expressão corporal para a educação infantil*.....9

Hellen Beatriz Bizerra Dantas Campina
Ruth Maria Lima da Silva
Tauany Vitória Pessoa Damascena

Resumo: *Educação socioemocional e o clima escolar: estratégias de acolhimento e pertencimento*.....10

Ana Bianca de Lima Santos
Flávia Alessandra da Silva Isidro
Júlia Stephanny Candido da Silva
Júlya Mariana de Freitas Silva
Maria Gabriela Oliveira de Souza

Resumo: *Desenvolvimento socioemocional na primeira infância: o papel da escola....*11

Maria Eduarda dos Santos Oliveira

Raiane Rafaela da Silva Souza

Renata Fidelis Gomes

Tainá da Silva Mizael

Artigo *A gente brinca junto, mas nem liga que é cada um de jeito”: produções culturais infantis e marcadores sociais da diferença.....*12

John Victor Nascimento Silva

Kalyne Viegas de Aguiar

Karla kiarely Oliveira dos Santos

Micheli Camilly Cordeiro de Souza

Yasmim Silva Chaves

Resumo: *O que as cores (não) dizem sobre gênero e sexualidade? Infâncias, Imagens e Educação.....*13

Ana Rebeca da Silva

Elaine Martins Paixão

Marina Rodrigues Mendes

Mirela Vitória Barboza da Silva

Roseane Maria da Silva Souto

RESUMO

Ana Beatriz Leite da Silva
Rosandra Santino Soares
Vitor Marx Pereira de Vasconcelos

O artigo *Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica*¹, de Maria Cristina Soares de Gouvêa, publicado em 2005 na *Revista Educação e Pesquisa*, analisa a presença e a representação do negro na literatura infantil brasileira nas primeiras décadas do século XX. A autora examina obras de escritores como Monteiro Lobato e Tales de Andrade, argumentando que a inserção de personagens negros nesses textos ocorreu sob uma perspectiva etnocêntrica, contribuindo para a reprodução de estigmas e preconceitos raciais no processo de formação do leitor infantil. Segundo Gouvêa, no início do século XX, o Brasil buscava construir uma identidade nacional, o que se refletiu também na literatura infantil. Nesse contexto, o negro passou a ser representado nas narrativas, não mais como escravizado, mas ainda associado a estereótipos depreciativos. Embora houvesse tentativas de valorização cultural, persistia a visão da branquitude como padrão civilizatório, o que resultava em representações marcadas por inferiorização e ridicularização. O exame das obras de Monteiro Lobato é exemplar nesse sentido: personagens negros são descritos como servis, ingênuos ou ridicularizados, com traços físicos e comportamentais apresentados de forma pejorativa. Além disso, é recorrente a tentativa de embranquecimento simbólico, seja pela ideia de que personagens negros deveriam possuir “alma branca”, seja pela exaltação da cultura branca como única referência legítima. A autora evidencia que essas representações não apenas marginalizam a figura do negro, mas também atuam sobre o leitor infantil, promovendo um processo de embranquecimento simbólico. Ao projetar a identidade branca como ideal, essas obras dificultam o reconhecimento positivo da identidade negra e reforçam hierarquias raciais. Apesar de publicado em 2005, o estudo mantém atualidade, uma vez que obras carregadas de estereótipos ainda circulam amplamente e são lidas por crianças, inclusive em contextos escolares. O caso da personagem Tia Nastácia, em contraste com a popularidade de Emília, exemplifica o modo como o embranquecimento se manifesta na recepção infantil. O trabalho de Gouvêa, portanto, constitui uma contribuição relevante para a educação e para o debate social, ao problematizar as marcas do racismo na literatura infantil e seus impactos na formação de leitores. O estudo reforça a necessidade de uma seleção criteriosa das obras destinadas às crianças, de modo a evitar a reprodução de preconceitos e a garantir representações mais inclusivas e diversas. Reconhecer e questionar a permanência de estereótipos raciais nos chamados “clássicos” da literatura infantil é passo fundamental para a construção de práticas pedagógicas comprometidas com a equidade e a justiça social.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Identidade. Leitor.

¹ GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. *Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica*. *Educação & Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 79-91, jan./abr. 2005. DOI: 10.1590/S1517-97022005000100006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/hZmCNP5MtfGB3CDvRbM8nFF/?lang=pt>. Acesso em: 16 ago. 2025.

RESUMO

Eryka Héllen de Lima Coutinho
Maria Sophia Palmeira Silva
Raíssa Góes Fernandes Pessoa
Ralyta Safira Lima Santos

O artigo *Corpos velhos e doentes para crianças: uma análise de livros de literatura infantil*², de Rosa Maria Hessel Silveira, Iara Tatiana Bonin e Daniela Ripoll, publicado em 21 de outubro de 2013 na *Revista Nonada: Letras em Revista*, analisa como determinadas obras de literatura infantil representam a velhice e a doença, bem como os efeitos dessas representações na formação do olhar infantil. As autoras destacam a relevância de incluir crianças em reflexões sobre o envelhecimento e o convívio intergeracional, rompendo com estereótipos cristalizados que associam a velhice à fragilidade, à decadência ou à romantização. A narrativa analisada tem como personagem central Sofia, que vivencia a descoberta do diagnóstico de Alzheimer do avô. A partir desse enredo, as autoras observam como a literatura pode abordar de maneira acessível e sensível questões delicadas, como a perda de memória, as mudanças comportamentais e o impacto dessas transformações no ambiente familiar. O estudo ressalta que, historicamente, personagens idosos foram retratados de forma limitada — ora como “bons velhinhos” frágeis, ora como “avós sábios” idealizados. O texto evidencia a necessidade de desconstruir essas visões reducionistas, apresentando a velhice como etapa legítima da vida, marcada por experiências, memórias e identidade, e não como sinônimo de decadência. As autoras também chamam atenção para a invisibilização da temática na literatura infantil. Questões como o etarismo, que associa o envelhecimento a algo negativo, ainda dificultam a inserção de narrativas que abordem de forma natural e crítica a velhice e a doença. A pesquisa indica que incluir tais temas na literatura destinada às crianças contribui para o desenvolvimento da empatia, para a compreensão das fases da vida e para a valorização do idoso como sujeito pleno de humanidade. A metáfora “o vovô está virando um bebê de novo”, por exemplo, ilustra como a linguagem literária pode tornar compreensível a experiência da demência infantil ao público infantil, ao mesmo tempo em que preserva a dimensão afetiva das relações familiares. O estudo conclui que representar corpos velhos e doentes na literatura infantil é fundamental para ampliar a sensibilidade social diante do envelhecimento e para combater estereótipos ainda persistentes. A obra analisada, ao tematizar o Alzheimer, oferece uma contribuição significativa ao campo, abrindo espaço para reflexões sobre cuidado intergeracional, humanização da velhice e construção de um olhar mais respeitoso e inclusivo.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Envelhecimento. Alzheimer.

² Referência: HESSEL SILVEIRA, Rosa Maria; RIPOLL, Daniela; BONIN, Iara Tatiana. *Corpos velhos e doentes para crianças: uma análise de livros de literatura infantil*. **Nonada: Letras em Revista**, Porto Alegre, v. 2, n. 21, out. 2013. Laureate International Universities. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=512451671016>. Acesso em: 15 set. 2025.

RESUMO

Antonio Pereira de Souza Neto
Renata Maria de Almeida Costa
Vanessa Madruga de Carvalho

O artigo *A importância do brincar na educação infantil*³, de Natali Alves Barros Lira e Juliana de Alcântara Silveira Rubio, publicado em 2014 na *Revista Eletrônica Saberes da Educação* (v. 5, n. 1), discute o brincar como atividade essencial para o desenvolvimento integral da criança. As autoras defendem que a brincadeira ultrapassa sua dimensão recreativa, configurando-se como prática pedagógica e social fundamental para a construção de saberes, a expressão de emoções e o desenvolvimento de habilidades cognitivas, sociais, culturais e afetivas. Brincando, a criança interage com o mundo, aprende a lidar com experiências, forma sua personalidade e reconhece sua identidade cultural. Apesar de sua relevância, o brincar ainda é frequentemente relegado a segundo plano na educação infantil, sendo visto apenas como entretenimento ou forma de ocupar o tempo ocioso. A pesquisa evidencia que, por meio das brincadeiras, a criança pode elaborar aprendizagens significativas, acessar manifestações culturais diversas e preservar tradições. Nesse sentido, o brincar é também um espaço de resgate cultural, pois muitas brincadeiras brasileiras guardam influências indígenas, africanas e portuguesas, constituindo-se como importante elo com a história coletiva. As autoras analisam ainda os papéis de jogos, brinquedos e brincadeiras no processo educativo. Os jogos, com regras simples ou complexas, favorecem a cognição, a imaginação e a sociabilidade; os brinquedos, entendidos como produções culturais infantis, podem ser objetos elaborados pela própria criança, como no exemplo da vassoura transformada em cavalinho; já a brincadeira, compreendida como o lúdico em ação, é o espaço simbólico em que a criança age com liberdade e descobre novas formas de estar no mundo. Nessa dinâmica, o professor atua como mediador e facilitador, orientando em alguns momentos e, em outros, permitindo que a criança seja protagonista de suas próprias criações. O artigo também problematiza os efeitos do avanço tecnológico sobre a infância. Muitas crianças têm substituído o ato de brincar pelo uso de dispositivos digitais, o que gera resistência por parte de alguns educadores, que tendem a ver a tecnologia como ameaça e não como recurso complementar. As autoras defendem, no entanto, que esse meio pode ser ressignificado como ferramenta pedagógica, considerando que as novas gerações já nascem inseridas em um contexto tecnológico e que cabe à escola refletir sobre seu uso no processo educativo.

Palavras-chave: Educação infantil. Brinquedos. Brincadeiras.

³ Referência: LIRA, Natali Alves Barros; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. A Importância do brincar na educação infantil. *Revista Eletrônica Saberes da Educação*, v. 5, n. 1, p. 1-22, 2014. Disponível em: https://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes_pdf/educacao/v5_n1_2014/natali.pdf. Acesso em 15 set.2025.

RESUMO

Hellen Beatriz Bizerra Dantas Campina
Ruth Maria Lima da Silva
Tauany Vitória Pessoa Damascena

O artigo *Aprendendo a partir da experiência em grupo: ritmos e expressão corporal para a educação infantil*⁴, de Mariana Zamberlan Nedel, publicado em 2010 na revista da SPAGESP, apresenta um relato de experiência realizado em uma creche por meio da aplicação de uma oficina voltada a professores da educação infantil. O objetivo central é destacar a importância da inclusão da música e do movimento corporal como elementos integrados ao processo de ensino-aprendizagem, evidenciando seu papel na formação integral da criança. Os referenciais utilizados incluem a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, além de autores como Foucault, Laban e Monteiro. As atividades da oficina envolveram jogos rítmicos com mãos e copos, acompanhados de músicas tradicionais como “*Rabo do Tatu*” e “*Escatumbararibê*”, em que os professores atuaram simultaneamente como mediadores e participantes. Essas práticas demonstraram que o movimento corporal da criança — manifestado em danças, brincadeiras e gestos rítmicos — constitui uma forma de linguagem e socialização, fundamental nos primeiros anos de vida. Ao articular corpo, ritmo e música, a educação infantil favorece o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo e social, além de contribuir para a construção da identidade e para o fortalecimento de vínculos coletivos. A experiência descrita revela que práticas corporais, frequentemente relegadas ao campo do recreativo, possuem elevado potencial pedagógico. No entanto, persistem barreiras para sua valorização, entre elas a resistência a metodologias que rompem com modelos tradicionais e a ausência de formação docente específica para o trabalho com linguagem corporal e musical. Esse distanciamento entre teoria acadêmica e prática escolar reforça a necessidade de maior integração entre universidade e campo educativo. Depoimentos de professores participantes também evidenciam que o envolvimento nas oficinas amplia a compreensão do corpo como protagonista do processo educativo e estimula o reconhecimento do brincar e do movimento como componentes estruturantes da aprendizagem. Nas considerações finais, Nedel enfatiza que a integração entre música e movimento deve ser reconhecida como prática central na educação infantil, e não como atividade secundária ou mera recreação. A autora defende, ainda, a necessidade de formação docente contínua que assegure aos educadores maior preparo para conduzir atividades de expressão corporal e musical, contribuindo para que a escola se torne espaço de experiências significativas e transformadoras.

Palavras-chave: Educação Infantil. Expressão corporal. Músicas.

⁴ NEDEL, Mariana Zamberlan. *Aprendendo a partir da experiência em grupo: ritmos e expressão corporal para a educação infantil*. *Revista da SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo*, v. 11, n. 2, p. 64-77, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-603792>. Acesso em: 28 ago. 2025.

RESUMO

Ana Bianca de Lima Santos
Flávia Alessandra da Silva Isidro
Júlia Stephanny Candido da Silva
Júlya Mariana de Freitas Silva
Maria Gabriela Oliveira de Souza

O artigo *Educação socioemocional e o clima escolar: estratégias de acolhimento e pertencimento*⁵, de Marisa Júnia Geremias Vanderlei e outros autores, publicado em 2025 na *Revista Cuadernos de Educación y Desarrollo*, apresenta um estudo bibliográfico sobre a influência de práticas de acolhimento e pertencimento no clima escolar e no desenvolvimento socioemocional dos estudantes. Inserido nos debates contemporâneos sobre bem-estar emocional na escola, o texto ressalta a importância de integrar dimensões sociais e emocionais à aprendizagem, reconhecendo seu impacto no desempenho acadêmico e na saúde emocional dos alunos. A pesquisa, de abordagem qualitativa, fundamenta-se em revisão de artigos, livros e documentos oficiais publicados entre 2021 e 2024. O estudo articula conceitos de educação socioemocional, clima escolar e pertencimento, evidenciando que a valorização de vínculos afetivos contribui para ambientes escolares mais inclusivos, seguros e motivadores. A pandemia de COVID-19 é destacada como um fator que intensificou desafios emocionais, reforçando a necessidade de estratégias de acolhimento no retorno às aulas presenciais. Foram analisados contextos de escolas públicas e privadas, revelando diferentes realidades, como a escassez de recursos e dificuldades na continuidade das ações. Os resultados indicam que competências socioemocionais — empatia, resiliência e autocontrole — estão associadas à melhoria do desempenho acadêmico, à redução da evasão escolar e ao fortalecimento do sentimento de pertencimento. O artigo defende que a aprendizagem deve ser compreendida de forma integral, incluindo aspectos cognitivos, emocionais e sociais. Entre os méritos do estudo, destacam-se a clareza na relação entre práticas pedagógicas socioemocionais e resultados educacionais, bem como a defesa de um currículo que incorpore essas dimensões de forma transversal. Apesar de reconhecer limitações, como a ausência de detalhamento de experiências concretas, repetição de ideias e desafios estruturais, o estudo contribui significativamente ao debate educacional, propondo a escola como espaço de vínculos, escuta e cuidado, e reforçando a urgência de políticas de formação docente contínua e investimentos que tornem efetivas as estratégias socioemocionais.

Palavras-chave: Educação Socioemocional. Escola. Acolhimento.

⁵ VANDERLEI, Marisa Júnia Geremias; AMORIM, Adriana Carla Xavier; MORAIS, Ana Cristina Caetano de Araújo *et al.* Educação socioemocional e o clima escolar: estratégias de acolhimento e pertencimento. *Cuadernos de Educación y Desarrollo*, v. 17, n. 4, p. 1-22, 2025. DOI: 10.55905/cuadv17n4-135. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/391129404_Educacao_socioemocional_e_o_clima_escolar_estrategias_de_acolhimento_e_pertencimento. Acesso em: 15 set. 2025.

RESUMO

Maria Eduarda dos Santos Oliveira
Raiane Rafaela da Silva Souza
Renata Fidelis Gomes
Tainá da Silva Mizael

O artigo *Desenvolvimento socioemocional na primeira infância: o papel da escola*⁶, publicado em 2025 na *Revista Aracê* por Márcio Kusunoki, Cleide Thatiane Silva Ribeiro, Larissa da Silva Nascimento Moraes, dentre outros autores, discute a importância da formação docente e das práticas pedagógicas intencionais para o fortalecimento das competências socioemocionais na educação infantil. O estudo ressalta que o desenvolvimento socioemocional é tão essencial quanto o cognitivo, sendo fundamental para a formação integral da criança e para a criação de um ambiente escolar inclusivo, que respeite as singularidades emocionais, cognitivas e sociais dos alunos. De natureza bibliográfica, a pesquisa baseia-se em produções publicadas entre 2020 e 2024, abordando formação docente, educação socioemocional e inclusão escolar na primeira infância. A análise evidencia que o professor deve desenvolver sua própria inteligência emocional para reconhecer, acolher e mediar as emoções das crianças, além de propor atividades que estimulem o autoconhecimento e a convivência. Entre as estratégias destacam-se dramatizações de conflitos, rodas de conversa, leituras de histórias, uso do “quadro das emoções” e imagens representativas de sentimentos, práticas que auxiliam as crianças a nomear suas emoções, expressar-se e sentir-se acolhidas, fortalecendo vínculos e promovendo um clima escolar saudável. O artigo também enfatiza a educação socioemocional como ferramenta de inclusão, que vai além do acesso físico, abrangendo a inserção afetiva e relacional. A parceria entre escola e família é apontada como condição essencial para ampliar os efeitos das práticas pedagógicas. Entre os pontos fortes, destacam-se a clareza na apresentação de práticas aplicáveis e o aprofundamento sobre sua contribuição para a inclusão. Contudo, observa-se ausência de dados empíricos, relatos diretos de alunos e professores e sistematização conceitual mais consistente, diante da diversidade de termos usados no campo. O estudo amplia a reflexão sobre a escola como espaço de acolhimento emocional, social e cognitivo, evidenciando que práticas pedagógicas intencionais, aliadas à formação docente contínua, são fundamentais para a educação socioemocional desde a primeira infância, promovendo aprendizagem significativa, escuta, cuidado e construção de vínculos.

Palavras-chave: Desenvolvimento Socioemocional. Primeira Infância. Formação docente.

⁶ Referência: KUSUNOKI, Márcio; RIBEIRO, Cleide Thatiane Silva; MORAES, Larissa da Silva do Nascimento *et. al.* Desenvolvimento socioemocional na primeira infância: o papel da escola. *Revista Aracê*, São José dos Pinhais, v.7, n.5, p. 22742-22758, 2025. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/4923> Acesso em: 29 jun. 2025.

RESUMO

John Victor Nascimento Silva
Kalyne Viegas de Aguiar
Karla kiarely Oliveira dos Santos
Micheli Camilly Cordeiro de Souza
Yasmim Silva Chaves

O artigo *A gente brinca junto, mas nem liga que é cada um de jeito*⁷: produções culturais infantis e marcadores sociais da diferença⁷, publicado em 2024 na *Revista Brasileira do Esporte* por Mayrhone José Abrantes Farias, Flávia Martinelli Ferreira e Adriano Lopes de Souza, analisa a relação entre infância, corpo e diferença a partir de produções culturais infantis. O estudo foi realizado em escolas públicas de bairros periféricos de São Luís (MA) e Sobradinho (DF), envolvendo crianças de 9 a 11 anos, e investiga como marcadores sociais — gênero, raça, classe e violência — atravessam as experiências da infância. O artigo dialoga com a Sociologia do Cotidiano e os Estudos da Infância, considerando desenhos e narrativas infantis como documentos que revelam identidades, percepções e críticas às desigualdades sociais. Os dados mostram que a infância em territórios vulneráveis é permeada por violências cotidianas, desde tiroteios e presença de facções criminosas até exclusão simbólica, como o não pertencimento a um ideal de infância branca e rica. Questões raciais emergem, exemplificadas por uma menina negra que se autorrepresenta com traços brancos, associando a branquitude à beleza e aceitação social. As produções analisadas evidenciam emoções, brincadeiras, estereótipos e preconceitos, mostrando o corpo como linguagem e meio de expressão cultural. As crianças aparecem como sujeitos ativos e produtores de cultura, capazes de interpretar e criticar a realidade em que vivem. O estudo também problematiza o papel da escola e das mídias na reprodução de padrões de beleza e valores excludentes, além de apontar a manifestação da violência física e simbólica nas brincadeiras e imaginários infantis. Metodologicamente, o uso de desenhos e narrativas infantis se mostra eficaz para captar percepções difíceis de emergir em métodos tradicionais, permitindo compreender como as crianças sentem, vivem e interpretam suas realidades. O artigo contribui para debates sobre infância ao valorizar vozes e produções culturais infantis, evidenciando a necessidade de práticas pedagógicas inclusivas e sensíveis às diversidades. Assim, a obra reforça a importância de uma educação que reconheça a diferença como constitutiva da experiência social e formativa, oferecendo referência para uma pedagogia democrática e comprometida com a justiça social.

Palavras-chave: Infância. Invisibilidade. Desenhos.

⁷ Referência: FARIAS, Mayrhone José Abrantes; FERREIRA, Flávia Martinelli; SOUZA, Adriano Lopes de. “A gente brinca junto, mas nem liga que é cada uma de um jeito”: produções culturais infantis e marcadores sociais da diferença. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, v. 46, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/9Tzpw4gg7k7v4wRJ8yrdxMr/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 11 Jul. 2025.

RESUMO

Ana Rebeca da Silva
Elaine Martins Paixão
Marina Rodrigues Mendes
Mirela Vitória Barboza da Silva
Roseane Maria da Silva Souto

O artigo *O que as cores (não) dizem sobre gênero e sexualidade? Infâncias, Imagens e Educação*⁸, de João Paulo Baliscei e Gabriela Narumi Inoue, publicado em 2024 na Revista *Diversidade e Educação*, discute como as cores, frequentemente vistas como neutras, participam da construção social de gênero e sexualidade desde a infância, especialmente no ambiente escolar. A partir da frase “menino veste azul e menina veste rosa”, os autores analisam como tais associações reforçam padrões binários, naturalizam a separação entre feminino e masculino e limitam as possibilidades de expressão das crianças. Baseados em referenciais do feminismo e do pós-estruturalismo, os autores defendem que as cores funcionam como marcadores sociais carregados de significados que moldam comportamentos e identidades. Historicamente, o vestuário infantil era predominantemente branco, simbolizando pureza e inocência, sem distinção de gênero. Apenas em séculos posteriores o azul passou a ser associado ao masculino e o rosa à feminilidade, evidenciando o caráter arbitrário dessa divisão, que, apesar disso, se consolidou socialmente. A análise foca na educação infantil e em documentos oficiais, como a BNCC, que reconhece a importância das cores para o desenvolvimento sensorial e artístico, mas não problematiza seus significados normativos, contribuindo para a perpetuação de estereótipos de gênero. O estudo evidencia que práticas cotidianas, como escolha de materiais, organização de atividades e decoração das salas, reforçam expectativas rígidas sobre meninos e meninas. O artigo se destaca pela articulação entre teoria e prática, aproximando conceitos acadêmicos de situações reais do cotidiano escolar. Apesar de certa repetição de ideias, provoca reflexões sobre como escolhas aparentemente simples podem impactar a forma como crianças se veem e se relacionam com o mundo. Para professores e educadores, a leitura é um convite a repensar práticas pedagógicas e criar ambientes inclusivos, nos quais cada criança possa se expressar livremente. Em síntese, o estudo revela que “rosa não é destino, azul não é regra”, destacando a necessidade de reconhecer a arbitrariedade dessas normas para promover uma educação que valorize a diversidade e amplie as possibilidades de existência das crianças.

Palavras-chave: Gênero. Infância. Cores.

⁸ Referência: INOUE, Gabriela Narumi; BALISCEI, João Paulo. O que as cores (não) dizem sobre gênero e sexualidade? Infâncias, imagens e educação. *Diversidade e Educação*, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 294–316, 2024. DOI: 10.14295/de.v10i2.14635. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/14635>. Acesso em: 15 set. 2025.